



Estados autoritários e totalitários e suas representações

Coordenação

Luís Reis Torgal
Heloísa Paulo

Coimbra • 2008

“FACSETTA NERA”

OS PRIMEIROS PASSOS DA PROPAGANDA FASCISTA EM SÃO PAULO 1922-1924

Novos horizontes

Bene o male che sia, l'emigrazione è una necessità fisiologica del popolo italiano. Siamo quaranta milioni serrati in questa nostra angusta e adorabile penisola che ha troppe montagne ed un territorio che non può nutrire tutti quanti. Ci sono attorno all'Italia paesi che hanno una popolazione inferiore alla nostra ed un territorio doppio del nostro. Ed allora si comprende come il problema dell'espansione italiana nel mondo, sia un problema di vita o di morte per la razza italiana. Dico espansione: espansione in ogni senso: politico, economico, demografico. Dichiaro qui che il Governo intende di tutelare l'emigrazione italiana; esso non può disinteressarsi di coloro che varcano i monti e vanno al di là dell'Oceano; non può disinteressarsi perché sono uomini, lavoratori e soprattutto italiani. E dovunque è un italiano là è il tricolore, là è la Patria, là è la difesa del Governo per questi italiani.

Benito Mussolini, 1923¹

A atenção especial que o regime fascista dedicou às comunidades italianas no estrangeiro é notória, embora a historiografia sobre esse assunto, até alguns anos atrás, ainda não fosse muito ampla². O famoso discurso de Mussolini usado em nossa epígrafe demonstra claramente como, desde antes do início da construção do Estado totalitário, a política de re-valorização da identidade étnica dos italianos no estrangeiro foi um dos eixos em torno dos quais o fascismo planejava veicular a sua propaganda no exterior. Já não eram agora chamados de *emigrati* (emigrados), ou seja, aqueles que

¹ In: *Scritti e discorsi di Benito Mussolini*, Vol. III, *L'inizio della nuova politica (28 ottobre 1922-31 dicembre 1923)*, Hoepli, Milã 1934, pp. 97-98, discurso titulado *Il problema dell'emigrazione* e proferido o 2 de abril na *Scuola Normale Femminile «Carlo Tenca»* de Milã.

² Como foi precisamente assinalado por Angelo TRENTO em *«Dovunque è un italiano, là è il tricolore». La penetrazione del fascismo tra gli immigrati in Brasile*, in: SCARZANELLA Eugenia (org.), *Fascisti in Sud America*, Le Lettere, Florença 2005, p. 14. Reenvio o seu ensaio também para a bibliografia sobre o tema da propaganda fascista no estrangeiro, em geral, e no Brasil, em particular. Aproveito a oportunidade para agradecer-lhe os preciosos conselhos e sugestões que pessoalmente me ofereceu e que resultaram fundamentais pela redação desse texto. Agradeço também a Elizabeth Cancelli que trabalhou muito tentando tornar o meu português um pouco menos primitivo e pelo qual assumo a total responsabilidade.

tinham, por força ou por escolha, abandonado a pátria. Virariam os *italiani all'estero* (italianos no estrangeiro).

Norteava essa política a idéia de que seria possível converter a *quantidade em potência*, suprimindo assim a escassez de capitais, o atraso tecnológico e, de uma forma mais geral, da carência de desenvolvimento que a Itália possuía. Esta política começou a se concretizar como estratégia do regime nas Américas muito antes do que aconteceria na própria Itália, onde a *quantidade* que se converteria em *potência* era a dos *homens* que se transformariam em *soldados* (*più figli per la Patria, più baionette per l'Impero*), ou seja, eles seriam a base de uma política exterior agressiva e imperialista. A vital e necessária expansão italiana era sinônimo de invasão militar dos países vizinhos, como da Grécia e da Albânia; e de guerra colonial aos países da África Oriental, caracterizada pela violência e pela brutalidade, com uso difuso de armas químicas, por exemplo, das quais as populações civis da Somália e da Eritréia ainda guardam dramáticas lembranças³.

Do outro lado do Atlântico, a conversão da *quantidade em potência* apenas poderia ser realizada através de uma política expansionista pacífica – por falta de meios e recursos econômicos e militares, não de ambições ou aspirações – que possibilitasse a conquista de mercados para produtos italianos e do estreitamento de relações e alianças com governos que, de uma forma geral, não estavam muito longe de ser autoritários. A grande quantidade de italianos que morava nas Américas poderia se converter em instrumento de penetração econômica e política⁴ nos países em que a concentração de imigrados fosse grande e a importância econômica, política e militar fosse menor. Argentina e Brasil eram alvos privilegiados dessa política. No que tange aos interesses deste estudo, o Brasil era tido como um país importante com sólidos laços culturais com a Itália; um parceiro comercial para importar produtos italianos e exportar matérias primas. São Paulo, por ser o motor do desenvolvimento econômico e industrial, ou o *Colosso do Sul*, como era internamente conhecido, e cuja capital, com a maior comunidade italiana do país, configurava-se como o canal por excelência através do qual veiculava-se a propaganda italiana no Brasil.

O contexto: São Paulo, a cidade laboratório

A abertura desses novos horizontes tinha que passar, obrigatoriamente, pela prévia conquista do consenso sobre a positividade do regime fascista entre os italianos de São Paulo. E isso, aparentemente, não era um desafio fácil, uma vez que as tradições políticas socialista e, sobretudo, anarquista e anarco-sindicalista⁵, tiveram papel relevante entre

³ Referência obrigatória é a obra monumental de Angelo DEL BOCA, em particular, *I gas di Mussolini. Il fascismo e La guerra d'Etiopia*, Editori Riuniti, Roma 1996.

⁴ A idéia em si não era uma grande novidade: já no final do século XIX, a classe dirigente da Itália liberal debateu amplamente a oportunidade de aproveitar a presença dos italianos no estrangeiro com finalidades geopolíticas, pelo menos explorando o mercado do que hoje chamaríamos *produtos étnicos*. O fator de absoluta originalidade foi a centralidade estratégica dedicada a isso e a identificação total entre expansão italiana e expansão fascista.

⁵ Para uma síntese sobre o movimento operário paulista nesse período, HALL Michael, *O movimento operário na cidade de São Paulo: 1890-1954*, in: PORTA Paula (org.), *História da Cidade de São Paulo*, vol. III, Paz e Terra, São Paulo 2004, pp. 259-289. Uma panorâmica geral das relações entre imigração italiana e

os imigrantes italianos em São Paulo. A relevância dessa tradição política de esquerda, deve ser dito, transcendeu o grupo dos imigrantes italianos para assumir um papel de liderança no movimento operário paulista. Associações e imprensa de orientação libertária animaram centros de agregação e socialização que marcaram politicamente as classes populares paulistas, tanto as imigradas de outras nacionalidades como as nacionais⁶.

A visibilidade dessa influência acabou por levar a interpretações historiográficas superestimadas que consideraram majoritária a componente anarquista entre o operariado paulista e entre os imigrantes italianos. Em realidade, a idéia de que todo o imigrante italiano, ou a maioria deles, fosse um trabalhador politizado, responde muito mais à imagem que foi divulgada pela imprensa conservadora ou reacionária e pelos aparatos policiais, do que a verdade do mundo operário⁷. O que deve ser dito é que entre todos os setores do trabalho urbano – seja artesanal, ambulante ou industrial⁸ –, a porcentagem de italianos era tão alta que era inevitável que tivessem uma participação ativa na vida política, associativa e organizativa das classes subalternas da cidade. Ainda mais se considerado que se encontravam numa fase, entre o final do século XIX e o começo do século XX, na qual se estavam construindo e estruturando as organizações de base do movimento operário⁹. De 34% da população da cidade de São Paulo em 1893, os italianos chegaram a 50% no começo do século XX e continuavam a ser o maior grupo

movimento operário se encontra em, TRENTO Angelo, *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*, Nobel, São Paulo 1989, pp. 209-264.

⁶ Para alguns perfis biográficos e trajetórias políticas de militantes italianos no Brasil ver: HECKER Alexandre, *Um socialismo possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*, T.A. Queiroz, São Paulo 1988; ROMANI Carlo, *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*, Annablume, São Paulo 2002; TOLEDO Edilene, *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*, Fundação Perseu Abramo, São Paulo 2004; *Idem*, *Travessias Revolucionárias: Idéias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*, Ed. UNICAMP, Campinas 2004. Para exemplo de um estudo sobre jornal anarquista publicado em língua italiana ver BIONDI Luigi, *Anarquistas Italianos em São Paulo. O Grupo do Jornal Anarquista “La Battaglia” e a Sua Visão da Sociedade Brasileira: O Embate entre Imaginários Libertários e Etnocêntricos*, «Cadernos AEL» 8/9, 1998, pp. 117-147.

⁷ Uma eficaz síntese dos estudos e do debate sobre essa temática: BIONDI Luigi, *Imigração italiana e movimento operário em São Paulo: um balanço historiográfico*, in: TUCCI CARNEIRO Maria Luíza, CROCI Federico e FRANZINA Emilio (orgs.), *História do Trabalho e Histórias da Imigração. Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (Séculos XIX e XX)*, São Paulo, Edusp, no prelo.

⁸ Por exemplo: vendedores de jornais, sapateiros, operários têxteis ou do setor de construção civil. Vide série dos *Boletins* do Departamento Estadual do Trabalho, de 1911 até 1927.

⁹ Havia italianos que faziam parte da elite industrial e financeira da cidade de São Paulo, mas eles atuavam segundo as dinâmicas de classe e não das de solidariedade étnica. Estas eram utilizadas de forma paternalista para manter a aceitação da imagem pública positiva da elite italiana em São Paulo. Refiro-me a personagens do calibre de Francisco Matarazzo e Rodolfo Crespi. O primeiro construiu um império industrial, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), que chegou a contar com mais de 200 fábricas; paralelamente à expansão industrial, Matarazzo tinha um banco, uma frota de navios, um terminal no porto de Santos e duas locomotivas para transportar mercadorias. Sem falar nos imóveis que incluíam uma imensa mansão na avenida Paulista – cuja demolição, na década de 1990, provocou polémica. O segundo instalou o *Cotonificio Crespi* que chegou a ser a maior tecelagem de São Paulo, com seis mil operários. Depois vieram o lanifício, uma fábrica de chapéus, o elegante Hotel Esplanada e seus domínios se estenderam ainda por plantações de café, algodão e cereais na região de Araras.

estrangeiro até 1940. Somente após esta data foram superados pelos portugueses¹⁰. A italianidade de São Paulo era uma característica que residentes e viajantes, brasileiros, italianos ou estrangeiros, não cansavam de destacar.

Por um lado, os italianos que chegavam a São Paulo ficavam deslumbrados por encontrar um pedaço da Itália transplantado nos trópicos:

L'italiano che arrivi qui e vi soggiorni anche soltanto una settimana, non può sottrarsi all'impressione strana e commovente di essere capitato, in pieno Brasile, in una città prettamente italiana. E, se un'impressione analoga egli ha potuto già provare in altri Paesi stranieri, capitando in una cittadina, in una borgata o in un villaggio, dove una piccola e fiorente colonia italiana si sia annidata, mantenendovi tenacemente la propria lingua e trapiantandovi i propri usi e costumi, qui questa impressione è centuplicata dal fatto di trovarsi in una grande città moderna, progredita e vivente di una poderosa vita di affari. Città di grande estensione, pel tipo generale delle abitazioni di pochi piani, spesso anche di un piano solo e frequentemente inframmezzate di giardini e di orti, São Paulo conta un mezzo milione di abitanti, metà dei quali italiani. Ma questa metà ha un così evidente predominio spirituale e morale sull'altra, che la metropoli presenta tutti gli aspetti caratteristici delle grandi città italiane: le piazze, le vie, le abitazioni, i parchi, i giardini, i teatri, i cinematografi, qui tutto è sul tipo italiano, e italiana è la lingua che dovunque e più comunemente si parla e si intende, e italiani sono gli usi e i costumi degli abitanti, e italiani i più grandi istituti e le più fiorenti industrie e i commerci più importanti della città¹¹.

Por outro, às vezes, os próprios paulistas experimentavam uma sensação de estranhamento:

Não sei se uma cidade poderia ser mais italiana que São Paulo! No bonde, no teatro, na rua, na igreja, falava-se mais o idioma de Dante do que a língua de Camões. Os maiores e mais numerosos comerciantes e industriais eram italianos [...] Coisa realmente assustadora. A impressão de que íamos perder a nacionalidade, ser absorvidos aterrava¹².

Como se pode deduzir dessas poucas palavras, o impacto demográfico da imigração italiana não foi isento de tensões e conflitos¹³. Porém, São Paulo, cidade multi-étnica e metrópole em vorticiosa transformação e desenvolvimento, aparecia como um verdadeiro laboratório social a céu aberto:

¹⁰ Ver HALL Michael, *Imigrantes na cidade de São Paulo*, em PORTA Paula, cit., p. 124. Angelo Trento identificou 306 periódicos de todos os tipos (diários, semanários, mensais, números avulsos) publicados em língua italiana só na cidade de São Paulo, de 1870 até 1951, TRENTO Angelo, *Do outro lado*, cit., pp. 490-503. Para a distribuição no território do Estado de São Paulo por nacionalidade e por década, BASSANEZI Maria Sílvia Beozzo, *População, imigração e propriedade da terra – procedimentos de pesquisa*, «XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais», ABER, Caxambu – MG, 18-22 setembro 2006.

¹¹ ZOLI Corrado, *Sud America. Note ed impressioni di viaggio*, SIAG, Roma 1927, pp. 129-130.

¹² LEITE Aureliano, *Italianos em São Paulo*, «O Estado de São Paulo», 20 abril 1954, apud CARELLI Mario, *Carcamano e comandadores. Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)*, Ática, São Paulo 1985, p. 31.

¹³ São conhecidos os acontecimentos de 1896, quando uma semana de choques e violentos conflitos com tônica xenofóbica (até uma caça aos italianos) terminou com dois mortos e vários feridos, TAUNAY Affonso de E., *História da cidade de São Paulo*, Edições do Senado Federal, Brasília 2004 [ed. or. 1953], pp. 353-359.

São Paulo é um laboratório perfeito. Assistimos à transformação à vista em tudo, desde cozinha ao tipo de habitante. Basta percorrer as fábricas, os meios operários; basta ler as resenhas de casamentos, com o glorioso internacionalismo do amor. Não há assimilação completa: há fusão¹⁴.

Nos primeiros vinte anos do século XX, o parque industrial da cidade de São Paulo expandiu-se em um ritmo impressionante¹⁵. O desenvolvimento industrial transfigurava radicalmente a fisionomia da cidade: os bairros industriais se sobrepunham aos bairros populares, misturando etnias, classes, tradições, estilos de vida e estilos arquitetônicos, com uma intensidade que permaneceu gravada na memória popular:

No tempo anterior à Primeira Guerra, a cidade era diferente. Cada vez mais São Paulo cresce: o que era uma célula, vai ser um novo bairro. Pinheiros era um matagal, agora é centro. Lapa é centro. Até Penha é centro. Entre o centro e Pinheiros havia uma estrada de terra, com chácaras na margem, portugueses plantando. A Vila Mariana era toda de chácaras de portugueses plantando suas hortaliças. Os bairros de habitação mais densa eram o Brás, Belenzinho, Moóca. Depois a Moóca foi avançando, o Brás se foi estendendo e formou-se esses gigantes, gigantes como Saturno que come seus filhos. Lá moravam os italianos, os espanhóis. A classe alta morava em Higienópolis, Vila Buarque, Campos Elísios. Depois se estendeu para o Jardim América, já em 34, 35. Quando se abriu a avenida Paulista, tinha chácaras de frutas, os moleques iam roubar fruta lá¹⁶.

Tantas transformações suscitaram também esperanças e expectativas no que diz respeito à distribuição das riquezas e da formação de uma sociedade na qual os novos sujeitos sociais – classes subalternas, imigradas e nacionais – tivessem a opção de participar de alguma forma, que não fosse apenas aquela do abastecimento da força de trabalho e do processo de construção da nação. A cidade viveu, portanto, um período de greves, reivindicações e lutas operárias e populares. A grande greve de 1917 marcou o ápice da mobilização popular que seguiu até 1920, mas, depois disso, o movimento operário entrou numa fase de retrocesso político¹⁷. No começo dos anos Vinte, foram introduzidas algumas inovações jurídicas na área da legislação social, mas também severas medidas repressivas que dificultaram as atividades dos sindicatos e das organizações

¹⁴ «O Amigo do Povo», 20 agosto 1904, Jornal anarquista, fundado em 1902 por Neno Vasco, Benjamim Mota, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni e Gigi Damiani. Sobre a trajetória do jornal no movimento operário e anarquista de São Paulo, TOLEDO Edilene, *Em torno do jornal «O Amigo do Povo»: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*, in: «Cadernos AEL», n.º 8-9 1998, pp. 89-113.

¹⁵ A taxa anual de crescimento naqueles anos foi estimada em aproximadamente 8%, DEAN Warren, *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 1991⁴, p. 115.

¹⁶ Testemunho do Sr. Antônio, recolhido por BOSI Ecléa, *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*, Companhia das Letras, São Paulo 2006¹³, pp. 233-234.

¹⁷ Para uma visão geral ver FAUSTO Boris, *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*, Bertrand Brasil, São Paulo 2000⁵. Sobre a greve de 1917, KHOURY Yara Aun, *As Greves de 1917 em São Paulo e o Processo de Organização Proletária*, Cortez, São Paulo 1981 e ROQUETTE LOPREATO Christina da Silva, *A Semana Trágica: A Greve Geral Anarquista de 1917*, Museu da Imigração, São Paulo 1997. Em relação a questão do recuo do movimento operário no começo do século XX, HEBLING CAMPOS Cristina, *O Sonhar Libertário: Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921*, Ed. UNICAMP, Campinas 1988.

sociais¹⁸. Além disso, no caso dos italianos, juntavam-se motivações políticas internas ao grupo – que escapam ao objetivo desse trabalho¹⁹ –, que enfraqueceram a rede organizada do movimento operário, além das razões de caráter demográfico.

Acabamos de ressaltar a preponderância dos italianos na composição multi-étnica de São Paulo. Porém, a composição interna dessa comunidade, embora seguisse quantitativamente majoritária, mudou consideravelmente em relação à primeira década do século XX: no primeiro pós-guerra, a imigração italiana diminuiu; nas décadas 1920-40 chegou a representar pouco mais dos 10 % dos ingressos no Brasil. Em 1930, ainda encontravam-se mais de 300.000 italianos no Estado de São Paulo; em 1940, eram pouco menos de 240.000, dos quais quase 65% tinham mais de cinquenta anos²⁰. O dado discriminante é o progressivo envelhecimento, que contribuiu ainda mais para a redução do grau de combatividade e de participação dos italianos nas organizações políticas e na imprensa militante. As segundas gerações, de forma geral, estavam integradas à sociedade paulista e não apareciam mais como italianos. Um último elemento, que desempenhou uma função nada secundária, foram as migrações internas. Após da Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929 diminuiu o fluxo transoceânico de imigrantes e abriu novos espaços de trabalho para as classes subalternas nacionais. Embora o fenômeno tivesse raízes profundas, é na década de Trinta que adquire as feições para ser considerado o ingrediente determinante na recomposição do proletariado urbano paulista²¹.

Os resultados desse conjunto de elementos foram, especialmente no que diz respeito ao grupo italiano, desalentadores: a imprensa operária quase desapareceu; só sobreviveram – com muitos problemas – alguns impressos antifascistas²². Assim, numa conjuntura com essas características, as condições para a penetração da propaganda fascista em São Paulo já não apareciam tão desfavoravelmente.

¹⁸ PINHEIRO Paulo Sergio e HALL Michael (org.) *A classe operaria no Brasil, 1889-1930*, Alfa-Omega, São Paulo 1979, vol. I, p. 108-138; vol. II, p. 194-212. Foi precisamente em 1924 que começou a ser sistematizada toda a logística da rede repressiva no estado de São Paulo com a criação do DEOPS (Departamento de Ordem Político e Social), entre cujas malhas ficaram sob controle e repressão todas as organizações do movimento operário. Sobre o DEOPS e a ampla bibliografia produzida a partir da análise da documentação conservada pelo Arquivo do Estado de São Paulo ver aqui mesmo, TUCCI CARNEIRO Maria Luiza, que coordena desde mais de uma década o projeto PROIN.

¹⁹ Para isso remetemos a TRENTO Angelo, *Do outro lado*, cit., pp. 267-402.

²⁰ As análises mais refinadas e com base mais confiáveis se devem a MORTARA Giorgio, *A imigração italiana no Brasil e algumas características demográficas do grupo italiano de São Paulo*, «Revista Brasileira de Estatística», XI, n.º 42, 1950, pp. 323-336.

²¹ Ver, *Brasileiros na Hospedaria de Imigrantes. A Migração para o Estado de São Paulo (1888-1993)*, Memorial do Imigrante, São Paulo 2001; MARTINS José de Souza, *O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira*, em PORTA Paula, cit., pp. 153-213; PAIVA Odaír Da Cruz, *Caminhos cruzados. Migração e construção do Brasil moderno (1930-1950)*, EDUSC, São Paulo 2004.

²² Cujos rastros é possível seguir através das operações da Polícia Política de São Paulo, TUCCI CARNEIRO Maria Luiza e KOSSOY Boris (org.), *A imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954*, Ateliê Editorial e Imprensa Oficial, São Paulo 2003.

Forjando as ferramentas da propaganda

Como foi evidenciado²³, mais do que as estruturas oficiais do partido fascista, agilizaram a canalização da propaganda todas aquelas associações, instituições, jornais e impressos da comunidade italiana que, ao menos aparentemente, promoviam atividades de caráter apolítico mas que, chegando a entrar na vida cotidiana da comunidade, tinham maior possibilidade de orientar o consenso a favor do regime. A contribuição do corpo diplomático, cujo alistamento ao serviço da propaganda fascista foi rápido e, desde logo, convicto²⁴, definiu a agregação ou a marginalização das associações étnicas e ofereceu uma nova imagem do Estado italiano, consolidando e institucionalizando o binômio italianidade-fascismo. Esse novo patriotismo se identificava também com uma nova imagem da Itália que o governo queria afirmar, aumentando a presença cultural através do chamamento de intelectuais para colaborar com as universidades nacionais – como foi o caso de Giuseppe Ungaretti, entre outros – e o envio de farta bibliografia²⁵. Foram explorados vários outros canais para viabilizar a propaganda e orientar o consenso, entre os quais queremos ressaltar: a difusão de películas e peças teatrais²⁶, os cursos de língua e cultura italiana – que foram multiplicados – e as escolas, que foram controladas, assim como os docentes e os livros escolares. A única instituição que foi criada diretamente pelo regime e que maiores e melhores resultados atingiu nas campanhas da propaganda fascista foi a *Opera Nazionale Dopolavoro (OND)*. Porém a eficácia da atuação da OND era devida ao tipo de atividade que organizava. Como seria de praxe, não se tratava aqui de atividades diretamente políticas, mas culturais, desportivas e recreativas. A propaganda acompanhava toda ação da OND, penetrando na vida privada e se apropriando do tempo livre, afirmando uma imagem positiva do fascismo dentro e fora da comunidade italiana²⁷. Apesar disso, não foi fácil introduzir a OND na comunidade paulista: pois logo de início ela foi percebida como corpo estranho que desenvolveria atividades em direta concorrência com as tradicionais associações étnicas.

²³ TRENTO Angelo, «*Dovunque è un italiano, cit.*», pp. 23-29.

²⁴ CERVO Amado Luiz, *Le relazioni diplomatiche fra Italia e Brasile dal 1861 ad oggi*, Edizioni Fondazione Agnelli, Torino 1994, pp. 95-108.

²⁵ Alguns se encontram na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com o carimbo *doado pelo governo italiano*. Entre eles cabe destacar a tradução em português dos *Quatro discursos sobre o estado corporativo*, de Mussolini, publicado por Laboremus em 1935; ou a coleção completa de *Scritti e Discorsi*, em italiano, de 1934. No Brasil foram enviados mais de 11 mil livros, SEITENFUS Ricardo Antônio Silva, *I rapporti fra Brasile e Italia negli anni 1918-39*, em COSTA Rovilio e DE BONI Luis Albert (org.), *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*, Edizioni Fondazione Agnelli, Torino, pp. 332.

²⁶ O teatro tinha uma tradição consolidada na comunidade italiana, VANNUCCI Alessandra, *La Patria in scena. Mobilitazione politica e costruzione di una identità nazionale nelle società filodrammatiche italiane a São Paulo (1890-1910)*, em *Il Risorgimento Italiano America Latina*, Affinità Eletive, Ancona 2006, pp. 321-332. Desta forma a propaganda fascista tinha outro canal de inserção.

²⁷ GUERRINI Irene e PLUVIANO Marco, *L'organizzazione del tempo libero nelle comunità italiane in America Latina: l'Opera Nazionale Dopolavoro*, in: BLENGINO Vanni, FRANZINA Emilio e PEPE Adolfo (org.), *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Teti, Milano 1994, pp. 378-389; e TRENTO Angelo, «*Dovunque è un italiano, cit.*», pp. 23-29; *Idem*, *I Fasci in Brasile*, in: FRANZINA Emilio e SANFILIPPO Matteo (orgs.), *Il fascismo e gli immigrati. La parabola dei Fasci italiani all'estero (1920-1943)*, Laterza, Roma-Bari 2003, pp. 152-166.

Dentro dos limites desse nosso trabalho, só consideraremos a primeira fase da propaganda fascista em São Paulo, o seu momento de gênese. É uma conjuntura de extraordinário interesse, precisamente porque temos a oportunidade de individuar os canais que foram utilizados para alcançar o controle e analisar o momento em que foram forjadas as ferramentas da propaganda.

Vimos que a atenção que os fascistas dedicaram aos *italianos no estrangeiro* começou desde cedo, coisa que foi seguida pelo maior periódico em língua italiana de São Paulo, o *Fanfulla*.

A importância desse jornal – fundado em 1893 – na comunidade italiana era enorme: em 1910, sua tiragem quotidiana era de 15.000 cópias, enquanto a do *O Estado de S. Paulo*, o mais importante jornal paulista, era de 20.000 cópias²⁸. Periódico burguês de orientação democrática, o *Fanfulla*, longe de ser um periódico militante ou agitador, muitas vezes se expôs às autoridades porque saía em defesa dos interesses dos trabalhadores italianos²⁹. Publicava regularmente as notícias das atividades das associações de socorro mútuo e das ligas operárias. Atingia transversalmente a maior parte da comunidade e, no período de nosso interesse, já era uma instituição importante na vida paulistana. Seu público por excelência era a pequena e a média burguesia ítalo-paulista. Todavia, em outros setores sociais também desenvolveria um rol central. Simplesmente por ser em língua italiana numa comunidade que não dominava o português, chegava até mesmo a deter o monopólio da informação:

Meu pai tinha dificuldade em dizer Santos, ele dizia Sandós. Minha mãe, quando dizia “compra um sanduíche e coma”, dizia: Accattevi un sanduiche. Quer dizer: “faça com que chegue a você um sanduíche”. O português dos italianos era muito deteriorado. Na Bela Vista, os carroceiros calabreses se recolhiam às seis, sete horas. [...] À tarde já estavam limpos [...] e almoçados. Liam o Fanfulla e comentavam os acontecimentos³⁰.

Evidentemente a língua podia ser um instrumento de defesa e salvaguarda da identidade étnica, mas ao mesmo tempo um obstáculo à integração social. A fronteira entre os dois aspectos oscilava constantemente, mas a questão da língua era central nas políticas das comunidades imigradas. Em torno e através dela – conservação, difusão, abandono, proibição, imposição –, combateram-se algumas das batalhas políticas decisivas pela inclusão ou exclusão do imigrante na sociedade³¹. O fascismo fez da defesa e conservação da língua uma bandeira de exaltação nacionalista e patriótica na Itália, e ainda mais no estrangeiro. O uso instrumental da questão da língua como estratégia geopolítica resulta ainda mais evidente pela declaração de Mussolini, já em 1920:

²⁸ BERTONHA João Fabio, *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil (1922-1943)*, Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1998, p.117. Uma panorâmica até a Primeira Guerra Mundial, CONSOLMAGNO Marina, *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1993.

²⁹ Por exemplo, durante a greve de 1917 denunciou o comportamento violento da polícia e publicou artigos como: *L'aumento dei salari s'impone*, 12 de julho de 1917.

³⁰ BOSI Ecléa, *Memória e Sociedade, cit.*, p. 226-227.

³¹ Não é uma casualidade que, mesmo antes da entrada em guerra com os aliados, em agosto de 1941, o Estado Novo de Vargas decretasse uma lei proibindo a venda e circulação de jornais em língua estrangeira.

In cinquant'anni di vita, l'Italia ha realizzato progressi meravigliosi. Prima di tutto c'è un dato di fatto: ed è la vitalità della nostra stirpe, della nostra razza. [...] L'Italia faceva 27.000.000 di abitanti nel 1870; ne ha 50.000.000 adesso: 40.000.000 nella penisola, ed è il blocco più omogeneo che ci sia in Europa. [...] E accanto a questi 40.000.000 in Italia, ce ne sono 10.000.000 che hanno straripato in tutti i continenti, oltre tutti gli oceani: 700.000 italiani sono a Nuova York; 400.000 nello Stato di San Paolo dove la lingua di stato dovrà divenire la lingua italiana³²

Converter a língua italiana em língua oficial do estado de São Paulo estava muito longe de ser uma aspiração realizável ou razoável. Entretanto, como observamos nos testemunhos anteriormente citados, esta visão era tão difundida que dava a impressão do italiano ser predominante sobre o português na cidade de São Paulo do começo do século XX. Esta impressão seria mais do que suficiente para transformar o *Fanfulla*, periódico por excelência em língua italiana, no alvo privilegiado da estratégia de controle e da construção do consenso que os fascistas estavam privilegiando para conquistar a hegemonia política entre os italianos no estado. O *Fanfulla*, “voz da comunidade italiana”, tinha que virar “voz da Itália fascista” em terra paulista.

A atitude que o jornal manteve em relação ao movimento fascista foi crítica até 1922, o ano da *marcia su Roma*, do primeiro governo dirigido por Mussolini e das primeiras franquias telegráficas³³ que o governo retransmitia às redações. Como todos os periódicos, também o *Fanfulla* vivia em constante luta com problemas econômicos. O apoio do governo fascista, numa conjuntura política como aquela que descrevemos acima, ajudou-o a sobreviver, assim como acabou por contribuir para o desaparecimento da imprensa não alinhada. A partir de 1923, o sistema das franquias se foi consolidando e as poucas notícias que não concordaram com Roma foram desaparecendo. Apesar disso, por alguns anos mais conviveram no jornal redatores fascistas e antifascistas: o Estado totalitário estava ainda em gestação.

Nesses primeiros anos, os redatores poderiam ter diferenças de orientação política, até agudas, mas o *Fanfulla*, publicamente, vestiu a “camisa negra”, e com surpreendente rapidez.

A seqüência das notícias que se seguiram à chegada ao poder do *Duce* manteve um ritmo que indicava desde logo o apoio de fundo à política fascista. Depois de dar a notícia da entrega do cargo de Primeiro Ministro a Mussolini, no dia 31 de outubro de 1922, o *Fanfulla* dedicou, na primeira página, três colunas à sua (hagio) biografia, e outro espaço importante ao *Proclama Per gli italiani all'estero*. No dia 4 de novembro, saem o *Messaggio di Mussolini per gli italiani in America del Sud* e o *Messaggio agli italiani di San Paolo a mezzo del Fanfulla*: outro sinal de especial atenção à platéia paulista por parte do novo chefe do governo. A oligarquia brasileira olhou com simpatia o novo governo italiano, cujas afinidades reconhecia quase instintivamente. O *Fanfulla*, do dia 7 de novembro, não perdeu a oportunidade de destacar a extasiada

³² In: *Scritti e Discorsi di Benito Mussolini*, Vol. II, *La Rivoluzione Fascista (23 marzo 1919 – 28 ottobre 1922)*, Hoepli, Milã 1934, pp. 95-96, discurso proferido em Trieste o 20 de setembro, no cinquentésimo aniversário da reunificação da Itália.

³³ As franquias eram a possibilidade de receber gratuitamente do governo o noticiário das agências de notícias enviado por meio telegráfico.

opinião de um intelectual carioca, publicando o artigo “*L’Italia moderna*”, assinado por Affonso Celso,

Su Mussolini il celebre capo del Fascismo, ecco, in riassunto, come si esprime Paul Hozard che ebbe con lui un lungo colloquio nella redazione del “Popolo d’Italia” organo del partito, redazione sempre affollata di giovani, di ufficiali, di donne, uomini che vogliono sentire la voce del comandante supremo del partito; ricevere ordini e istruzioni direttamente dal lottatore, dal dominatore di moltitudini. È lui, Mussolini, che ha sfidato avventure e pericoli [...] Genuino condottiero, ciecamente ubbidito da cinquecentomila uomini, ha avuto un’esistenza eccezionale³⁴.

No 17 de fevereiro de 1923, foi publicada uma carta de Emidio Rocchetti convidando *gli italiani che si sentono veramente italiani* a aderirem ao *Fascio* de São Paulo:

Prima di iscrivervi, pensate, esaminate le vostre coscienze e i vostri spiriti, riflettete sul fatto che il Fascismo non promette niente agli individui, ma pretende tutto da loro per l’amore all’Italia; poi, inviate le vostre richieste d’iscrizione e vi troverete tra fratelli, riuniti nel simbolo di un’Italia nuova, di un’Italia della Vittoria!

No dia 10 de março de 1923, entre outros anúncios, aparecem algumas linhas que, em surdina e sem nenhum cerimonial, anunciavam:

Si aprono le iscrizioni per la formazione della sezione paulistana del PNF indirizzare le domande a Ronchi Giovanni, Emidio Rocchetti, Emilio Santi, Antonio Milani.

Começava assim a história do primeiro *Fascio* do Brasil³⁵ e que foi dedicado a Filippo Corridoni, “mártir” da Primeira Guerra Mundial, cuja memória o fascismo explorou para fins propagandísticos. Quatro anos depois, no estado de São Paulo, os fascistas contavam com uma rede de 32 *fasci*. Mas o número de afiliados e a irregularidade de contribuição mensal de seus afiliados deixa entender que a força de penetração da estrutura do partido fascista na comunidade italiana não chegou nunca a ser muito profunda³⁶. Entre as ferramentas da propaganda, resultaram muito mais efetivas

³⁴ Affonso Celso foi Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras e presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de um livro de muito sucesso, *Por que me ufano de meu país*, publicado por primeira vez em 1900, lançou o neologismo *ufanismo*, uma espécie de culto de amor à pátria. Colaborou por mais de trinta anos com o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, onde publicou o artigo que o *Fanfulla* preocupou-se em fazer chegar a seus leitores.

³⁵ O animador da iniciativa era Emidio Rocchetti, chegado em São Paulo depois de seis meses de cadeia por ter matado a sangue-frio o secretário do Partido Comunista de Macerata. A escolha de Rocchetti para fundar o *Fascio* de São Paulo recebeu críticas também pelos setores que simpatizavam com o fascismo, mas oferece uma clara idéia de como a uma precoce atenção estratégica e política à comunidade paulista correspondia uma estrutura de partido débil, com poucos quadros formados e muita improvisação. Essa informação, entre outras já assinaladas, in: TRENTO Angelo, «*Dovunque è un italiano...*», cit., p.15, oferece também uma análise completa da parábola da propaganda fascista no Brasil. Uma interessante seleção da documentação do *Fascio* de São Paulo requisitada pela polícia política em SANTOS Viviane Teresinha dos, *Os Seguidores do Duce: Os Italianos Fascistas no Estado de São Paulo*, Arquivo do Estado-Imesp, São Paulo 2001.

³⁶ Cf. TRENTO Angelo, *ob. cit.*, pp.17-18. Para a história geral do partido fascista no Brasil ver *Idem*, *I Fasci in Brasile*, in: FRANZINA Emilio e SANFILIPPO Matteo (org.), *Il fascismo e gli immigrati. La parabola dei Fasci italiani all'estero (1920-1943)*, Laterza, Roma-Bari 2003, pp. 152-166.

aquelas que não eram oficialmente ligadas ao partido: como as associações culturais e recreativas que tinham maior poder de atração entre os imigrantes.

O potencial de agregação de consenso ao regime fascista que tinha o *Fanfulla* era muito maior do que poderiam reunir os jornais, as revistas oficiais e os boletins do Partido Fascista. O *Fanfulla* tinha trinta anos de tradição, era parte da comunidade, dos costumes, dos rituais, da vida íntima das pessoas. O *Fascio* era um elemento alheio que, de repente, queria impor a sua presença na vida da comunidade. Entre março e outubro de 1923, a sujeição do jornal ao fascismo foi praticamente completa. Com o primeiro aniversário da *marcia su Roma*, isso ficaria ainda mais claro:

La rivoluzione ha trionfato su tutta la linea e, con la rivoluzione, ha trionfato il vecchio buon senso del nostro popolo. Il cielo sia lodato, viva l'Italia, viva Mussolini! Un anno. Ma oggi si respira, grazie a Dio, oggi i treni vanno, Le fabbriche producono, i porti sono attivi e, per le strade, non sputano più sulle divise e non prendono più in giro i mutilati. Montecitorio [sede do Parlamento, n.d.a.] è muto, passivo, inerte³⁷.

A propaganda chega do mar: o navio Italia

Pouco mais de um mês depois da fundação do *Fascio* de São Paulo, em 30 de abril de 1923, o Ministério de Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, recebia a notícia de que as autoridades italianas tinham constituído um *Ente Morale* para a organização de um cruzeiro, cujo fim era divulgar a arte e a cultura italiana na América Latina. O próprio Mussolini teria oferecido um navio, o *Italia*, especialmente dedicado a essa missão, cuja programação seria elaborada por Gabriele D'Annunzio, o *Vate*, o poeta militante, figura de ponta no panorama cultural italiano³⁸. Seis meses depois da *marcia su Roma*, começava, então, a ser organizada a marcha pela e para América Latina.

Em realidade, a iniciativa não foi um projeto original do governo fascista, mas surgiu com a sugestão do governo da Venezuela, como afirma em seu relatório, um dos participantes ao cruzeiro de propaganda:

Il Generale Gomez, Presidente e dittatore del Venezuela, è un buon amico dell'Italia, si deve a lui e al senatore Tagliaferro, Presidente del Senato venezuelano, se a Roma fu dato sagace impulso all'opera fattiva del Tagliaferro stesso, presso il Presidente del consiglio e presso alte personalità del mondo industriale italiano, per un progetto di espansione commerciale con una nave-esposizione che visitasse i porti venezuelani³⁹.

³⁷ *La marcia su Roma*, «Fanfulla», 31 de outubro de 1923.

³⁸ Sobre esse evento o Istituto Italo-Latino Americano organizou em Roma, em 1999, uma exposição na qual foram exibidas, entre outras, as pinturas realizadas durante o cruzeiro pelo responsável artístico da missão, o pintor Giulio Aristide Sartorio. Ver MANTURA Bruno, PAINO Maria Paola e OSIO Bernardino (org.), *Sartorio 1924. Crociera della Regia Nave Italia nell'America Latina*, De Luca, Roma 1999.

³⁹ CARRARA Enrico, *Ventotto porti dell'America Latina fra Atlantico e Pacifico con la R.a. nave Italia*, Giani, Turin 1925, p. 101 apud INCISA di CAMERANA Ludovico, *La grande traversata di un Vittoriale galleggiante*, p. 4 in: MANTURA Bruno, PAINO Maria Paola e OSIO Bernardino (org.), *cit.*

O governo de Mussolini aproveitou muito bem a ocasião. O cruzeiro oferecia a oportunidade de dar um impulso inesperado à propaganda do regime na América do Sul, ainda quando o regime dava seus primeiros passos. Nesse mesmo ano, se fizeram os contatos com todas as delegações diplomáticas dos países sul-americanos que seriam tocados pelo cruzeiro. Sob o “patrocínio” cultural de D’Annunzio, o navio *Italia* foi transformado numa espécie de exposição industrial flutuante, e móvel, dos produtos italianos – de rendas a tanques –, e uma exposição cultural da arte italiana. Dessa missão político-diplomática foi encarregado Giovanni Giurati, embaixador extraordinário do Rei nas Repúblicas da América Latina, que assim se pronunciou em 18 de fevereiro de 1924, quando o cruzeiro levantou ferro no cais do porto de La Spezia:

Solcherà il mare carica di documenti umani e, più ancora di affetti e di memorie, una nave che l'Italia manda ai suoi figli transoceanici. Non vuole essere una fiera di campioni ma compendiare la multiforme attività dello Stato, delle arti, delle lettere. Delle industrie e dei commerci. Non è una mostra, ma è una testimonianza. Non è un affare ma un gesto di amore e una promessa. Gli italiani d'America saluteranno con orgoglio questo lembo della Patria in cui la Patria ha serrato le cento cose utili e belle quotidianamente create dal sobrio, pertinace, geniale, e prolifico popolo italiano. E sentiranno – per la prima volta e per merito del Governo fascista che ha caldeggiato l'impresa – come l'Oceano non divide, ma unisca⁴⁰.

Intuitivamente ou não, Giurati percebeu ainda que, em termos propagandísticos, o fato de estar levando, através do navio, um pedaço da Itália para o outro lado do Atlântico mesclava o fator emotivo ao cenográfico. Esta pátria flutuante tinha a qualidade de sensibilizar as lembranças e a saudade da terra natal, seja dos imigrantes ou de seus filhos já nascidos no Novo Continente, agora adicionados pelos símbolos de modernidade e de modernização que compunham o cenário do navio *Italia*. Este seria um importante elemento multiplicador da eficácia de propaganda.

O *Italia* desempenhou sua missão ao longo da costa do Brasil entre fevereiro e maio de 1924, parando nos portos de Belém, São Luís, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Florianópolis e Porto Alegre. O *Fanfulla*, cumprindo prontamente seu dever de megafone do regime, cobriu a empreitada desde as preliminares, quando ainda na Itália organizava-se a exposição, descrevendo detalhadamente as maravilhas da produção artística, cultural, artesanal, tecnológica e industrial italiana distribuída cuidadosamente nos vários conveses e salões do navio. Na descrição dava-se destaque ao caráter oficial da missão e a seus objetivos de difusão da arte e cultura da *nuova Italia*⁴¹.

Em 13 de março, o jornal anunciava, na primeira página, a chegada da nave *Italia* no porto de Belém, a primeira etapa da viagem em terra brasileira. No dia seguinte, toda a primeira página foi dedicada a esse assunto. O *Fanfulla* entrava assim na fase ascendente de uma campanha jornalística iniciada um meses antes e que, na medida em que a proa do navio aproximava-se mais e mais do porto de Santos, assumia tons e ritmos de uma marcha triunfal.

⁴⁰ BELLI Pietro, *La nave «Italia» è salpata dalla Spezia*, «Il Corriere italiano», Roma 19 febbraio 1924, apud SACCHI LODISPOLO Teresa, *La crociera della Regia Nave «Italia»: dal progetto al viaggio*, in: MANTURA Bruno, PAINO Maria Paola e OSIO Bernardino (org.), *cit.*, p. 13.

⁴¹ *Fanfulla*, 15 de fevereiro de 1924.

A prova de tanto entusiasmo seria a quantidade de material produzido para descrever o acontecimento e seus protagonistas. No breve espaço de quatro meses foram centenas os artigos e as reportagens dedicadas ao empreendimento. Quando o navio chegou a Santos, foi recebido por uma multidão jubilosa, meticulosamente organizada pelas autoridades diplomáticas e pelo *Fascio*. Os jornalistas que seguiam o cruzeiro foram levados até a cidade de São Paulo e seus comentários ficaram entre entusiasmados e maravilhados com a presença italiana na capital paulista:

*Immaginate di percorrere ottomila miglia marine, attraversando il Mediterraneo e l'Atlantico e di ritrovarvi improvvisamente in Italia. E avrete San Paolo. Sembra paradossale, ma è una realtà, perché San Paolo del Brasile è una città italiana*⁴².

Foram organizados ônibus e trens especiais para o transporte dos visitantes. O sucesso foi tamanho que Giurati se convenceu a prolongar a etapa santista por oito dias a mais do que previsto. Do ponto de vista comercial, o cruzeiro foi um sucesso total. No dia 16 de abril, o *Fanfulla* publicava, entre outros artigos sobre o *Italia*, um intitulado de *La pittura decorativa*, que ilustrava a exposição realizada no interior do navio. No dia seguinte, encontramos outros dois artigos intitulados *Giornata di rinnovata fede patriottica e di affermazioni artistiche* e *Bellezza e forza a bordo della Nave Italia*, onde a *bellezza* é a da arte clássica; e a *forza* é a da produção industrial.

Cultura e progresso, tradição e modernidade: o *Fanfulla* se encarregava de amplificar e repetir as fórmulas da propaganda, inserindo-as sempre nas minuciosas crônicas das atividades que se desenvolviam a bordo do *Italia* ou nas reportagem da missão diplomática. Assim, os correspondentes do *Fanfulla* seguiam Giurati pelo o interior do estado de São Paulo e em suas visitas às autoridades consulares, enquanto o pintor Sartorio visitava a redação, como no dia 16 de abril. No dia 28 era publicada uma ampla matéria sobre ele e a sua produção artística. Sartorio tinha organizado toda a parte artística da exposição do navio *Italia*, com uma coleção de quinhentas peças de artistas contemporâneos italianos, uma exposição de livros e outra sobre o exército. O navio carregava também algumas urnas que continham terras ensanguentadas recolhidas em locais de batalha da primeira Grande Guerra: presente um tanto macabro pelas comunidades italianas, que tentava relembrar os heróis que haviam se sacrificado pela pátria.

De fato, houve também problemas. O presidente do estado de São Paulo, Washington Luis, recebeu muito friamente Giurati, sem tributar-lhe as honras militares que o protocolo estabelece nesses casos⁴³. A polêmica que se seguiu na imprensa italiana, em julho de 1924, quando do final da missão – para esse e outros episódios controvertidos do cruzeiro –, foi corrosiva. Nas páginas do *Messaggero* e do *Corriere della Sera*, dois dos maiores periódicos italianos, dizia-se que o único resultado da missão do navio *Italia* foi dividir as comunidades italianas na América do Sul e desacreditar o fascismo⁴⁴.

⁴² BELLI Pietro, *Al di là dei mari*, Vallecchi, Florença 1925, p. 118 apud INCISA di CAMERANA Ludovico, *La grande traversata di un Vittoriale galleggiante*, p. 4 in: MANTURA Bruno, PAINO Maria Paola e OSIO Bernardino (org.), *Sartorio 1924, ob. cit.*

⁴³ INCISA di CAMERANA Ludovico, *cit.*, p. 4-5.

⁴⁴ VERNASSA Maurizio, “Una crociera di propaganda”, in: *Politica Internazionale*, n.º 1-2, 1999, p. 217.

Esta era uma demonstração de que o Estado totalitário ainda não detinha o controle sobre os meios de comunicação na Itália. O fato de a imprensa ter podido desvendar os bastidores da empreitada, alguns meses depois, ainda estava sendo possível.

Mas a polêmica ficaria distante, do outro lado do Atlântico. O *Fanfulla* havia cumprido seu papel e o navio *Italia*, ao longo de seu cruzeiro propagandístico, conseguiu ostentar a suposta eficiência do governo fascista e seus efeitos de modernização e progresso. O impacto da propaganda do cruzeiro não chegara à Itália, mas a carga simbólica que havia produzido entre os italianos de São Paulo, assim como em outras comunidades da América do Sul, funcionava como um potentíssimo amplificador da propaganda fascista. Que melhor cenografia podiam conceber para atingir o imaginário de um emigrante do que um navio chegando no porto? Foram os navios que levaram os emigrantes da sua terra e agora um navio devolvia-lhes o orgulho e o sentido de pertença a uma nação. Era como se o mesmo navio, que tinha representado o elemento simbólico de ruptura dos laços com o país de origem tivesse agora voltado, levando na sua carga uma nova Itália, orgulhosa dos seus filhos de além mar e da qual valia a pena de ufanar-se.

O que resultava da empreitada transoceânica era a imagem de uma Itália, berço da civilização ocidental, que tinha uma sólida tradição artística e cultural e sobre a qual apoiava-se um irresistível processo de modernização. Tudo isso graças ao novo governo fascista!

Algumas conclusões

Nessa primeira fase de penetração do fascismo no tecido social e político paulista não é ainda possível falar em adesão ou oposição e não era esse o objetivo de nosso trabalho. Ainda não existia um Estado totalitário na Itália e podia-se pensar em que o fascismo era uma transição: passaria sem deixar muitos rastros.

Parece ter sido determinante para a entrada do fascismo a sujeição de meios de comunicação. O *Fanfulla*, que fazia parte da tradição da comunidade paulista, presente constantemente nos rituais coletivos, familiares e comunitários, desde as cerimônias fúnebres⁴⁵ até as festas de carnaval da comunidade italiana, desenvolveria uma importante missão.

Nas tradições e nos rituais da vida coletiva dos bairros populares, onde moravam em maioria italianos, muitas vezes se misturavam datas cívicas com festas religiosas, as mesmas pessoas organizam ou participavam de ambas:

*a festa de são Vito Mártir dos bareses [da província de Bari no Sul da Itália, n.d.a.] aqui no Brás reunia vinte bandas. Bersaglieri, Pietro Mascagni, Ettore Fieramosca, todas essas bandas vinham tocar nas imediações do Gasômetro. Nos arredores, tocava uma banda ali, outra acolá; era uma festa extraordinária*⁴⁶.

A propaganda fascista penetrou nesses espaços onde as estruturas do Partido, o *Fascio* ou a *GILE* e a *Lega Operaia del Littorio*, não tinham uma fácil aceitação e a

⁴⁵ Os funerais de Matarazzo e Crespi foram, nesse sentido, a apoteose das operações de propaganda.

⁴⁶ BOSI Ecléa, *Memória e sociedade*, cit., p. 228.

OND chegou tardiamente. Assim, trocavam-se os cantos de glória a São Genaro pelo hinos ao *Duce*, ou a *Marcha Real* por *Faccetta nera*. As grandes festas religiosas concentravam-se nos bairros proletários paulistanos em sua maioria habitados por italianos, como Brás e Bexiga, e eram especialmente os do Sul que costumavam praticar uma religiosidade popular cujas manifestações de devoção coloravam-se das feições típicas das festas camponesas.

Zelia Gattai, nos deixou um testemunho significativo:

Nas grandes festas, como, por exemplo, Natal, Ano-Novo, Páscoa, e nas datas cívicas italianas, eles [os italianos do Sul que moravam perto da sua casa, n.d.a.] recorriam à banda do “Bersaglieri”, composta de músicos fardados, ostentando vistoso chapéu de abas largas, um penacho verde reluzente de plumas (parecendo rabo de galo) tombando sobre pescoço e ombro. Esses “Bersaglieri” eram contratados para tocar em frente às casas – quase sempre de italianos do Sul –, o concerto executado do lado de fora, na calçada. O repertório dos aparatosos soldados, compostos sobretudo de antigas marchas militares, com a implantação do fascismo se ampliou, incluindo hinos modernos, cantos de glórias ao Duce⁴⁷.

Contar com o apoio da Igreja, da elite local, das bandas dos *Bersaglieri*, das autoridades consulares e dos poderosos que dominavam economicamente a comunidade e boa parte do estado e da cidade de São Paulo contribuiu para ativar um mecanismo de agregação entorno do centro motor de adesão ao regime: a identificação da italianidade com o fascismo. A valorização da identidade étnica teve uma força simbólica muito importante numa sociedade eminentemente excludente, que, na verdade, promovia a imigração europeia no interior de um quadro de *integração subalterna*.

⁴⁷ GATTAI Zélia, *Anarquistas, graças a Deus*, Record, Rio de Janeiro 2006, p. 158.